política

Congresso com aprovação da escala 5x2

Perfil



FOTOS: FERNANDA BIGIO DAVOGLIO/ESPECIAL/JC

Paulo Paim (PT) nasceu em Caxias do Sul, no dia 15 de março de 1950. É metalúrgico, sindicalista e atualmente senador da República em terceiro mandato. Reside em Canoas, cidade em que iniciou sua trajetória na direção do Sindicato dos Metalúrgicos e na Central Única dos Trabalhados CUT. Foi deputado federal por quatro mandatos, sendo o primeiro mandato como deputado constituinte. Foi autor e relator de leis como a do Estatuto da Pessoa Idosa, Estatuto da Pessoa com Deficiência, da Igualdade Racial, a Lei de Cotas, relator do Estatuto da Juventude, Lei dos Autistas e Lei de Valorização do Salário-Mínimo. Atualmente é presidente da Comissão de Direitos Humanos e Participação Legislativa do Senado. Ao concluir seu atual mandato no Senado, Paulo Paim completará 40 anos seguidos de atuação no Congresso Nacional, somando 16 anos, em quatro mandatos como deputado federal, e 24 anos, em três mandatos como senador da República. Ele não concorreu à reeleição em 2026 e está encerrando uma trajetória política de quatro décadas.

Paim - É muita coisa. Salário-mínimo, e a greve de fome que eu fiz para ter salário-mínimo. Os aposentados, lá atrás, que eles tinham uma defasagem enorme. Eu fiz uma confusão tão grande que consegui aprovar, e o governo Lula acho que conseguiu assegurar, e eles tiveram uma reposição que nunca mais tiveram. E até hoje eu tenho dito que se perguntassem para mim, que aprovou tanta coisa - Estatuto do Idoso, salário-mínimo, políticas de cotas, injúria, mudança do conceito de injúria (racial), e aí vai -, o que você destaca? Eu destacaria a jornada de 5x2. Eu venho puxando ela desde quando eu era estudante. Quando eu era estudante, eu andava com as placas na rua, falando da escala de 5x2, e depois consegui passar (a jornada semanal) de 48 horas para 44 horas; não só eu, eu e outros que defendiam. E agora passamos de 44 horas para 40 horas. E se forem ver as propostas mais antigas sempre foram minhas. Derrubavam uma e eu fazia outra, tanto que essa de agora (aprovada no Congresso), eu tinha de 2015 aprovada na CCJ, pronta para ir ao plenário, e como há uma concorrência entre Câmara e Senado, perguntaram: 'Paim essa (proposta) da Câmara, que é a mais nova, se nós aprovarmos essa, tu aprova ou quer a tua?'. Eu digo: aprova a que chegar primeiro aqui na mesa para aprovar, para sancionar. Sem vaidade pessoal, a causa é que interessa, e aprovamos. Eu tive todo reconhecimento, não posso negar.

JC - Como avalia que será o próximo mandato do presidente Lula e a relação do governo com o Congresso, que na próxima legislatura terá uma oposição expressiva?

Paim - Eu cheguei em Brasília e fui morar junto eu, ele (Lula) e o Olívio (Dutra). Dividimos dois apartamentos, na época da Constituinte. Então conheço bem o Lula. Lula foi quem assinou a minha ficha para entrar no PT, ele foi lá em Canoas, fez um comício lá, então acertamos ali, mas quem me convidou pra entrar na política sindical foi a Dilma. Mas ia falar do Lula e da competência dele para a articulação. Sou fã de frente ampla. Tem que pegar os quadros e vamos trabalhar juntos, mas tem que ajudar a votar também, não é só ter ministério. O Lula já fez isso e deu certo. Tanto deu certo que ele se reelegeu, não é? Acho que ele vai costurar uma costura ampla. Ele tem que ter total liberdade para fazer essa frente ampla de buscar quadros para compor o governo. E claro, com o respaldo dentro do Parlamento, porque ninguém governa sozinho.

JC - No Senado a formação de frente ampla parece mais complicada, a oposição elegeu uma bancada maior...

Paim - Mas mesmo assim, vou dizer minha experiência de quem está tanto tempo lá dentro. Eu vi gente lá de direita e de esquerda dar 'nó em pingo d'água'. Já vi de tudo. Eu não vejo nenhuma dificuldade de alguns desses que se elegeram uma bandeira de direita, com uma boa conversa, uma boa dinâmica e bons acordos... isso acontece. Político, o que eu aprendi lá dentro - não é o meu caso, mas não estou nem falando mal - gosta muito de três coisas. De poder, e quem tem poder? Quem está com a caneta. Gosta de orçamento, e são trilhões que estamos discutindo aqui. E gosta de ter cargo à sua disposição para distribuir para o seu time. Cargo aqui, cargo ali, e não precisa ser ministro. Essas três coisas só quem tem é o governo. Não digo que todos façam isso, como eu não faço, acho também do lado de lá tem quem não faça, né?

JC - Na próxima legislatura, pela primeira vez em décadas, o Rio Grande do Sul não terá senadores de esquerda. Qual o diagnóstico que faz sobre isso?

Paim - Se analisarmos friamente, aqui no RS, na Região Sul, a direita vem avançando há muito tempo. Na última eleição (que eu concorri), oito anos atrás, eu fui o único senador de esquerda que se elegeu lá de cima para baixo. Pode pegar São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás, Minas. Nenhum se elegeu. Ninguém, só eu me elegi. Isso não vem de agora. Nós tivemos uma série de alertas, que já sinalizavam que isso poderia acontecer. O maior problema foi que nós ficamos atrás nas redes sociais. Eles se capacitaram, e mérito deles, formaram verdadeiros bunkers, daria para dizer. Eu visitei uma sala só de meninos, jovens, tudo instalado e só trabalhando nas redes sociais. Não fizemos isso. Essas duas questões foram fundamentais. E uma terceira questão que eu falaria também é o poder econômico. É inegável que eles tinham um poder econômico muito maior que o nosso, inclusive do próprio Fundo Eleitoral. Eles souberam, digamos, se apropriar da própria máquina do governo também para eles. Eles se apropriaram disso tudo e vieram para cima. E a outra questão, para mim, gravíssima, que é a mais grave de todas, é a política do ódio. O que eu disse antes: para lacrar eles faziam qualquer coisa.

JC - E acredita que este engajamento maior da esquerda nas redes sociais, mas também nas ruas, foi fundamental para a virada de Lula no segundo turno?

Paim - O nosso aparato aqui no Rio Grande do Sul de redes sociais foi 'desse tamanhinho' perto deles. Tanto é que Zucco recebeu mais de 3 milhões de votos. Os outros dois candidatos a senadores deles, mais de 3 milhões de votos. É coincidência? É muita coincidência. No Rio de Janeiro não foi diferente. Porque eles trabalhavam muito melhor que nós com as redes sociais. São Paulo não foi diferente, elegeu o governador e elegeu os dois senadores. E por aí vai. Então mostra que nós começamos a partir do (deputado André) Janones, e o Janones dizia: 'se continuasse esse tranco, em setembro nós estaríamos atrás deles nas pesquisas'. E não é que em setembro nós estávamos atrás dele (Flávio Bolsonaro). Tanto que perdemos no primeiro turno. Então o Janones entra no jogo e, na verdade, o nome que ele deu até é muito correto, montou o 'exército do Lula', que ele assim chamava. E que era dele também, naturalmente, que ele era o principal articulador, e fomos nos recuperando nas redes. Isso foi dando um impacto positivo, e soubemos, então, trabalhar com a juventude, porque a juventude trabalha muito nas redes. Idoso também trabalha nas redes, porque ele fica muito em casa. Isso tudo acabou ajudando. E o Lula, com a liderança dele, que é inatacável, na minha avaliação, cada evento que ele fazia aumentava o número de pessoal. Aqui em Porto Alegre eu estava junto, em cima do carro, tava o Olívio, o Tarso (Genro), o Lula, a Janja, eu, o Rui (Costa), que é o ex-governador da Bahia, e o governador do Piauí (Rafael Fonteles). E só, mais ninguém podia subir ali. E eu perguntei: como é que me botaram no carro principal ao lado do Lula? Disseram: 'tu é a cara da 5x2'.

JC - Redução da jornada foi um dos grandes assuntos da eleição...

Paim - Foi a grande virada, e a proposta principal foi a 5x2.

JC - E dentro de tantas bandeiras que defendeu, por que elege a redução da jornada como a principal?

Paim - Porque eu beneficio de forma direta e indireta em torno de 100 milhões de brasileiros. Olha, uma lei para melhorar 100 milhões de brasileiros não é qualquer um que faça, não é qualquer Congresso que faça, e foi o Congresso. Metade do País, porque com carteira assinada eu tenho hoje em torno de 35 milhões, mais ou menos, estou arredondando. Aquilo (redução da jornada) não repercute só na minha vida, mas também na família. Mais tempo com a família, melhora o salário, porque se quiser que eu trabalhe mais, com hora extra, vai ter que ter mais salário. Repercute na informalidade, é um parâmetro para o outro. Então, se você pegar tudo isso, vai chegar em torno de 100 milhões de pessoas. Cada família tem duas pessoas na família. Então, o Estatuto de Idoso eu acho que foi importante. O Estatuto de Pessoa com Deficiência, de Igualdade Racial, da Juventude, todos são importantes. Mas diretamente no mercado de trabalho é a escala 5x2.